

Falar de nós, escrevendo a vida: escrevivência, memória e a (re)escrita da favela em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo

Speaking of Ourselves, Writing the Life: Escrevivência, Memory and the (Re)Writing of the Favela in Conceição Evaristo's Becos da Memória

Leonardo Júnio Sobrinho Rosa
Universidade Federal de São João del-Rei
leonardo_junio@live.com
<https://orcid.org/0000-0002-4424-1418>

RESUMO

O presente artigo propõe-se a investigar a obra *Becos da Memória* (2018), de Conceição Evaristo com o objetivo de analisar o conceito de escrevivência como instrumento criativo que busca elaborar novos sentidos para experiências individuais e coletivas para além do que está registrado em arquivos ou na memória. A escrevivência pode ser entendida como um exercício imaginativo que aponta para a responsabilidade ética inerente ao ato de narrar histórias, demonstrando a busca por um modo estético apropriado de retratar a vida dos espoliados. Dessa forma, o texto se desloca de um objeto de prazer meramente especulativo para uma atitude política, concretizada na maneira como a escrita vasculha e se apropria de histórias e vivências.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Escrevivência; Memória; Exercício imaginativo.

ABSTRACT

This article aims to investigate *Becos da Memória* (2018) by Conceição Evaristo, with the goal of analyzing the concept of *escrevivência* as a creative instrument that seeks to construct new meanings for individual and collective experiences beyond what is recorded in archives or memory. *Escrevivência* can be understood as an imaginative exercise that points to the ethical responsibility inherent in the act of narrating stories, demonstrating the search for an appropriate aesthetic mode of portraying the lives of the dispossessed. In this way, the texts shifts from being a mere object of speculative pleasure to a political stance, materialized in the way writing explores for and appropriates stories and lived experiences.

Keywords: Conceição Evaristo; Escrevivência; Memory; Imaginative exercise.

O ofício da palavra é sublime, pois criador; inventa o sentido que assegura nossa diferença, nossa especificidade humana – o modo como não somos iguais a nenhuma outra forma de vida. Nós morremos. Talvez seja esse o sentido da vida. Mas fazemos linguagem. O que bem pode ser a medida da nossa vida.

(Toni Morrison)

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

(Gloria Anzaldúa)

Além de contar histórias, não tenho uma missão específica. Gosto de contar ao mundo a nossa parte da história usando as vozes das mulheres.

(Buchi Emecheta)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo propõe uma investigação do romance *Becos da memória*, da escritora negro-brasileira Conceição Evaristo com o objetivo de analisar a utilização da escrevivência pela protagonista da obra como mecanismo para (re)construir a favela e estabelecer uma nova forma de narrar as experiências vividas por sujeitos subalternos. Composto por uma série de fragmentos de histórias de homens, mulheres e crianças, o romance descreve o processo de desfavelamento e o impacto dessa ação sobre as diferentes personagens que povoam e interagem no espaço da favela. Por trás de cada barraco, são despertadas memórias que, ao serem costuradas na narrativa, compõem um panorama das dificuldades e das lutas diárias dessa população sistematicamente excluída.

Maria-Nova, narradora-personagem do romance, recria os becos da favela por meio de suas recordações. Apoiando-se nas narrativas orais contadas por personagens como Bondade, Maria-Velha e Tio Totó, a menina, que gostava de ouvir histórias tristes, percorre os becos de sua memória. Busca, assim, os antigos moradores, os aguardados campeonatos de bola, a dureza, a miséria e a felicidade presentes nas coisas simples. A personagem entrelaça os retalhos de memória daquelas pessoas que ficaram esquecidas nos escombros da favela. Por isso, a memória configura-se como o principal elemento dessa obra, ao mesmo tempo em que atua como fio condutor na costura das diferentes histórias das personagens. Ao evocar a memória daqueles que já se foram, Maria-Nova procura reescrever uma história que durante um longo período permaneceu suprimida pelo discurso histórico oficial, dando voz, portanto, aos moradores da favela.

Ao aflorarem no âmbito discursivo, essas memórias provocam interferências na transmissão oficial dos fatos e na maneira como o social é construído a partir do represamento de experiências de pessoas ocupantes de lugares periféricos. O silêncio infligido aos subalternos e àqueles esquecidos é rompido por meio de ações que vasculham o que foi ocultado. Ao emergirem em espaços delineados pelo poder da escrita, as memórias rasuram os grandes feitos e possibilitam a criação de outras histórias nascidas em espaços marginalizados. O florescimento de memórias antes confinadas ao silêncio permite a escuta de vozes que emanam “do corpo dos espoliados, dos indivíduos acoçados pela dor da pobreza extrema” (Fonseca, 2018, p. 153). Essa atitude desloca o texto de um objeto de prazer meramente especulativo para “uma atitude política concretizada na maneira como a escrita procura vasculhar as vidas dos que lutam por sobreviver em condições intensamente desfavoráveis” (Fonseca, 2018, p. 153).

Escrevivências

A escrita articulada às experiências vividas tem por objetivo trazer para a discussão as vivências da população negra, que, durante longo período, permaneceu relegada às margens. Essas vivências são marcadas por inúmeras formas de violência. Esse fato nos leva a refletir sobre a possibilidade de narrar essas histórias sem, ao mesmo tempo, reproduzir tais violências. Quais seriam os tipos de histórias a serem contadas? Como podemos revisitar as cenas de sujeição sem replicar a gramática da violência? Como recuperar as vidas atravessadas pelos terrores da escravidão e pelos enunciados

que as afirmaram como mera propriedade, destituídas de características humanas e de direitos sociais e políticos? Seria possível construir um relato ou narrativa a partir de ruínas e vestígios?

Para tentar responder esses questionamentos, considero a escrevivência como um modo estético e político de recontar essas memórias que evocam a história de um povo. O termo advém da associação entre os termos “escrever” e “viver” e “dos sentidos permitidos pela expressão ‘escrever vivências’ ou mesmo de escrever fatos vividos pelo eu que os recupera pela escrita” (Fonseca, 2020, p. 59). As narrativas que se fundamentam nesse conceito partem da “compreensão da realidade experiencializada pela população negra, trazem a dor, a falta e a violência no âmago da fruição” (Santos, 2018, p. 29). Nesses textos, há o compartilhamento de experiências cotidianas por meio da escrita. Nesse processo, ela não é apenas uma “testemunha daquilo que relata, mas também depositária da experiência dos seus – e a sua escrita se faz, então, mais uma vez espaço de luta e de empoderamento” (Dalcastagnè, 2014, p. 296).

Por isso, a escrevivência pode ser entendida como a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil que funde e, ao mesmo tempo, confunde vida e obra, passado e presente, visto que essa escrita está comprometida com as experiências vividas e exige das escritoras negras uma “consciência do seu lugar e suas especificidades na sociedade enquanto mulheres e negras” (Santos, 2018, p. 28). No entanto, “nenhum episódio pode ser lido exatamente como aconteceu; na escrita tudo se modificou. Quem conta um conto inventa um ponto e quem recria uma história a partir do real cria outra realidade para a realidade recriada” (Evaristo, 2014, p. 31). Por meio das experiências individuais das personagens e das experiências da autora, essa escrita abarca o coletivo. Conjuga, assim, voz autoral e escrevivência.

O inerente diálogo existente entre o texto literário e a experiência de vida demanda mais do que uma repetição da realidade, pois a perspectiva da escrevivência alcança uma dimensão cultural e política “sem recair nas armadilhas da literatura puramente engajada, preservando a potência da realidade social na ficção. É uma literatura que suplementa aquela habitual, não deseja golpeá-la, mas sabotá-la, repetir para transformá-la” (Cortês, 2016, p. 54). Assim, ao articular as experiências vividas, a escrita busca discutir as experiências da população negra, que durante um longo período, esteve relegada às margens. Embebida em matéria “viva”, a escrevivência de Conceição Evaristo reinscreve novos significados sobre a experiência negra no Brasil, ao passo que assinala seu caráter

múltiplo e heterogêneo, enquanto possibilita à escritora se posicionar crítica e politicamente dentro da literatura negro-brasileira.

MEMÓRIA

A característica memorialística de *Becos da memória* nos permite refletir sobre questões relativas à memória. A busca por uma definição de memória levou diferentes pensadores a procurar uma concepção que conseguisse explicitá-la corretamente. Henri Bergson, em *Matéria e memória*, foi um dos primeiros teóricos a explicitar a ação da memória. De acordo com Ecléa Bosi (1979, p. 14), o intuito de Bergson é demonstrar a liberdade da memória em oposição a esquemas mecanicistas que alojam a memória em um canto obscuro do cérebro. Nesse sentido, Bergson entende a memória como instrumento de conservação do passado no espírito, “que embora ocorra de modo inconsciente, não pode ser erroneamente assumido assim como o faz a psicologia” (Maringolo, 2014, p. 67).

Na argumentação desenvolvida pelo historiador Jacques Le Goff, a memória detém um relevante papel na composição de narrativas, pois ela possui a propriedade “de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 2013, p. 387) e que podem ser acessadas no presente e no futuro. A ideia de memória foi posta em jogo na luta das forças pelo poder. Tornar-se um senhor da memória e do esquecimento é “uma das grandes preocupações das classes sociais, dos grupos e dos indivíduos que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (Le Goff, 2013, p. 387). A memória é o fruto de disputas e manipulações sendo extremamente necessária para a conservação do poder de determinado grupo. Os silêncios presentes na história confirmam o trabalho realizado por grupos com a finalidade de manter-se no poder, pois a construção de um passado coletivo homogêneo e estável apaga qualquer tipo de contradição e diferença.

Maurice Halbwachs atribui um caráter social a construção da memória, pois “para se lembrar, precisa-se dos outros”. As lembranças individuais estarão sempre atravessadas por memórias coletivas, uma vez que “jamais estamos sós” (Halbwachs, 2003, p. 30). As lembranças de um indivíduo nunca lhe pertencem totalmente, mas sim ao grupo social

no qual está inserido, mesmo que cada integrante possua um ponto de vista sobre uma mesma lembrança. Desse modo, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1979, p. 55).

A lembrança enquanto finalidade do ato de memória delinea-se como uma luta contra o esquecimento. Tomada em sua capacidade de conservação – de imagens, fatos, sentimentos, sensações, entre outros – a memória evita que eles sejam sepultados no esquecimento, já que a luta contra o esquecimento é mais importante que a busca por recordações. “A memória, tida como depositária de experiências, é o elixir da imortalidade para essas personagens” (Maringolo, 2014, p. 63).

Becos da memória constrói-se como uma memória coletiva de uma comunidade, pois:

Ao se narrarem histórias de submissão, opressão e violência racial, etária, de gênero e de classe, como de Ditinha e Fuizinha. E a narradora-personagem, Maria-Nova, percebe que outra história é possível, mas para isso será necessário (re)contá-la e (re)nascer mediante a construção de uma nova história, permeada pela constatação da dura realidade vivida, mas marcada pelo desejo de transformação dessa mesma realidade (Santos, 2018, p. 94).

A favela de Maria-Nova é o alicerce para a (des)construção da narrativa. As lembranças da favela são, de fato, baseadas em percepções coletivas e não somente em memórias e lembranças individuais. Isso implica dizer que as lembranças da narradora-personagem, em relação à favela e aos seus moradores, constituem representações construídas pelo grupo ao qual ela pertence e em que habita. Maria-Nova tem suas memórias construídas a partir da relação social com as personagens que habitam os becos e vielas. A favela é o espaço onde as vozes anônimas dos moradores ganham espaço na narrativa, trazendo à tona narrativas silenciadas pelo discurso histórico oficial. A memória, por ser seletiva, faz com que o passado não seja conservado em sua totalidade. Porém, a memória pode ser preenchida por rastros, por pedaços do passado, que são costurados por Maria-Nova como uma grande colcha de retalhos. Essas memórias subterrâneas, ao emergirem, assinalam momentos de instabilidade social. Nesses momentos, a história oral passa a privilegiar as minorias. Com isso, ressalta-se a importância das memórias subterrâneas que, por serem parte de culturas minoritárias, se opõem a memória oficial.

COSTURANDO TEMPOS E MEMÓRIAS

Becos da memória traz à luz o duro cotidiano de moradores da favela. Sem qualquer qualidade de vida, empregadas domésticas, prostitutas, diaristas, pedreiros, escravizados e desempregados convivem na comunidade. Todas essas diferentes narrativas são articuladas por Maria-Nova mediante suas próprias observações e por meio das histórias contadas por personagens como Bondade. Maria-Nova se incube da tarefa de reconstruir a história local ao mesmo tempo em que constrói sua história a partir da reorganização da memória coletiva. Maria-Nova toma para si a tarefa de guiar o leitor através dos becos, dos barracos, das roupas a quarar, das lavadeiras iniciando mais um dia de trabalho, dos homens indo para o trabalho, das crianças correndo para escola, dos bares e armazéns que bem cedo já se encontram abertos para fornecer bebidas. A favela é sinônimo de miséria, pobreza, sujeira. Remete, portanto, à precariedade das habitações humanas.

Independente de todas as mazelas rotineiras, a favela é construída por Maria-Nova como um espaço de luta, resistência e trabalho. Viver na favela é conviver em comunidade. É dividir as torneiras de lavar roupa, é fazer a gentileza de conceder algumas noites de pouso para Bondade, é ter curiosidade de ver a Outra que morava com Vó Rita. Mesmo em meio à exclusão, ao esquecimento dos governantes e à indiferença da sociedade, a favela é o lar de todos os moradores, um espaço que transforma as relações sociais. No romance, o lar encontra-se tanto na instância familiar como na coletiva. O relacionamento de Bondade com os moradores pode ser tomado como exemplo de uma relação harmônica que fazia como que todos se sentissem bem. Mesmo com toda a infraestrutura deficiente, a favela é rica em afetividade. Seja no aconchego encontrado por Bondade na casa dos moradores ou na paz transmitida a todos por Vó Rita, a favela significa lar e união.

O romance, como afirma Evaristo (2018, p. 16), é dedicado aos que habitam a favela: “aos homens, mulheres, crianças que amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela”. Essas personagens que foram desterritorializadas de seu espaço expressam a diversidade dos que habitam esse local. Dessa forma, a favela é o ambiente por excelência onde confluem memórias, experiências e discursos. A homenagem feita aos habitantes demonstra a tentativa de cristalizar as diferentes histórias das personagens, de modo a evitar o esquecimento e, em última

instância, imortalizar a favela já não existente fisicamente. Esse tributo póstumo reforça como o ambiente da favela é tão caro a Maria-Nova, mesmo que faça parte do passado. O desfavelamento e seus efeitos devastadores – principalmente entre os mais velhos – são o tema central de *Becos da memória*. Maria-Nova narra os momentos finais dos moradores na comunidade e a conseqüente mudança de todos para novos lugares que, na maioria das vezes, são piores do que o local onde se encontravam. A narração dos meses que se seguem até a destruição total da favela é permeada de histórias dos moradores, como a volta de Ditinha:

As vozes, as emoções se liberaram. Ditinha! Era Ditinha! A mulher havia voltado! Ela cobriu o rosto com as mãos! Parou! Grandes e crianças que nem estavam acostumados a grandes demonstrações de carinho correram para ela e a pegaram no colo. Andaram com ela ali em volta feito santo em andor. Gritando, chorando, rindo. Que bom, Ditinha havia voltado! Ditinha havia voltado! Depois solenemente colocaram a mulher no caminhão como se colocassem um santo no altar. Todos choravam. O motorista do caminhão enxugou uma lágrima no canto dos olhos. Ditinha, que se mantivera o tempo todo com o rosto entre as mãos, olhou para todos e sorriu. Era o primeiro sorriso desde aquele dia em que escondera no seio a pedra verde-bonita suave que até parecia macia (Evaristo, 2018, p. 135-136).

O desfavelamento incita a narradora-personagem a rememorar as personagens que habitam os becos da favela. Esse espaço, onde cada pessoa tenta encontrar maneiras de sobreviver a mais um dia, é carregado por lembranças. As histórias dos moradores fornecem cores, movimentos e sensações à tristeza do desfavelamento. Rememorar é um ato subversivo de resgatar o passado, de trazer à tona uma memória negada. Trata-se de tornar vivas as personagens esquecidas pelo discurso histórico oficial. A memória é o meio com que Conceição Evaristo divulga a riqueza cultural, econômica e histórica da população negra. Para Maria-Nova, o ato de rememorar simboliza a tentativa de imortalizar os habitantes da favela que habitava quando era criança. Tecida a partir das recordações de seus moradores, a narrativa se estrutura de maneira fragmentada e polifônica. *Becos da memória* apresenta rasuras que refletem o fluxo de pensamento empreendido pela narradora-personagem, no qual as lembranças chegam de forma não-cronológica. Essa não-linearidade temporal acarreta rupturas no fluxo narrativo e evidenciam que a narradora-personagem recorda acontecimentos que não seguem uma ordem.

Rememorar é a tarefa empreendida por Maria-Nova de modo a imortalizar a vida das personagens que por tanto tempo permaneceram esquecidas. No romance, a memória garante que essas personagens sejam ouvidas e não esquecidas. A lembrança, enquanto

finalidade do ato de memória, delinea-se como uma luta contra o esquecimento. Tomada em sua capacidade de conservação – de imagens, fatos, sentimentos, sensações, dentre outros – a memória evita que esses elementos sejam sepultados no esquecimento, já que a luta contra o esquecimento é mais importante que a busca por recordações.

A favela de Maria-Nova é o alicerce para a construção da narrativa. As lembranças da favela são, de fato, baseadas em percepções coletivas e não somente em memórias individuais. Isso implica dizer que as lembranças da narradora-personagem, em relação a favela e seus moradores, constituem representações construídas pelo grupo ao qual a menina pertence. Maria-Nova tem suas memórias construídas a partir da relação social com as personagens que habitam os becos. A favela é o espaço onde as vozes anônimas dos moradores ganham destaque na narrativa. A narradora-personagem traz à tona narrativas silenciadas pelo discurso histórico oficial. A memória, por ser seletiva, faz com que o passado não seja conservado em sua totalidade. Porém, a memória pode ser preenchida por rastros, por pedaços do passado, que são costurados por Maria-Nova como uma grande colcha de retalhos. Essas memórias subterrâneas, ao emergir, assinalam momentos de instabilidade social. Nesses momentos, a história oral passa a privilegiar as minorias. Com isso, ressalta-se a importância das memórias subterrâneas, que, por serem parte de culturas minoritárias, se opõem à memória oficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grafia-desenho performada por diferentes mulheres da favela é um ato discursivo que aponta para o caráter poético da escrita escreviente de Evaristo. As lavadeiras da favela, nos dias chuvosos, costumavam desenhar a imagem de um imenso sol no chão com o intuito de espantar a tempestade, afinal, dias de chuva significam falta de alimento, menos dinheiro e a destruição dos barracos mais frágeis. Essa simpatia é “o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus os mais antigos ainda?” (Evaristo, 2007, p. 16). Esse ritual de escrita é “composto de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito” (Evaristo, 2007, p. 16).

Becos da memória baseia-se em experiências comuns e na vida em comunidade. Maria-Nova transforma o espaço da favela no centro da narrativa. Esse espaço também media experiências coletivas, como a ameaça de despejo, a pobreza, a injustiça, a fome e o desfavelamento. Entram em cena personagens únicos, como Filó Gazogênia, Mãe Joana, Negro Alírio, Bondade e Dora. A memória, tomada em sua capacidade de conservar lembranças, é o aparato por meio do qual o passado é conservado, ao mesmo tempo em que estabelece uma ponte com o presente. A memória é também uma ferramenta de sobrevivência frente às adversidades cotidianas. Ela institui um espaço na memória oficial e desvela, assim, outra realidade aos olhos do leitor. Contudo, a memória é composta por lacunas e dolorosos silêncios. Ciente de que o passado é composto por muitas histórias e o que silêncio sobre esses acontecimentos o conduz ao esquecimento, Maria-Nova encontra na escrita um meio de immortalizar o efêmero, pois “um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo” (Evaristo, 2018, p. 140). A ação de recuperar o vivido atenta-se para os elementos mais simples e sutis. A reescrita dessa história é permeada pela simplicidade das personagens.

A construção de *Becos da memória* ocorre pelo colecionamento de histórias. Maria-Nova percorre os becos da favela em busca da palavra, tanto oral quanto escrita; por esse motivo ela está sempre atenta aos acontecimentos que a circundam. Ávida pela palavra oral, Maria-Nova absorve cada “gota” de história que lhe é contada pelos moradores – os *griots* da favela. O ato de narrar histórias é entendido como um ato político e de resistência, pois evita que essas memórias se percam no esquecimento. A oralidade é um fato imprescindível para a conservação da história, pois o narrador benjaminiano recorre à experiência que passa de pessoa em pessoa. A favela, enquanto paisagem já não existente, é reconstruída pela narração das histórias dos moradores. O esquecimento, que atrai para si as lembranças, não consegue apagar completamente a favela de Maria-Nova. Ciente disso, a narradora-personagem escreve e recria visando preencher as lacunas da memória com a palavra poética. Essa colcha narrativa, tecida pelas mãos de Maria-Nova, é a materialização de histórias e lembranças surgidas por meio da emergência dessas memórias subterrâneas.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. Édna de Marco. *Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 179-213.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, s/v, n. 44, p. 289-302, jul. 2014.

FONSECA, Maria Nazaré Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro, Pallas, 2018, p. 152-158.

FONSECA, Maria Nazaré Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 58-74.

EMECHETA, Buchi. *Cabeça fora d'água*. Trad. Davi Boaventura. Porto Alegre: Dublinense, 2024.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro, Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Nos gritos d'Oxum quero entrelaçar minha escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima et. al. *Arquivos Femininos: Literatura, valores, sentidos*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014, p. 25-33.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et. al. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.

MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. *Ponciá Vivência e Becos da memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memórias*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo, 2014.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.

SANTOS, Miriam Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

Recebido em: 13/01/2025

Aceito em: 20/03/2025

Leonardo Júnio Sobrinho Rosa: mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura, na linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural, pelo Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (PROMEL/UFSJ). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).